

Raymond Radiguet

O diabo no corpo

Tradução e posfácio de
PAULO CÉSAR DE SOUZA



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução e posfácio © 1985, 2013
by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Le Diable au corps

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Cláudia Warrak

PREPARAÇÃO
Maria Fernanda Alvares

REVISÃO
Adriana Cristina Bairrada
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Radiguet, Raymond, 1903-1923.

O diabo no corpo / Raymond Radiguet; tradução e posfácio Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: Le Diable au corps
ISBN 978-85-63560-68-1

1. Romance francês 1. Título.

13-03553

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura francesa 843

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O DIABO NO CORPO	7
Notas do tradutor	125
Posfácio	127

Vou me expor a recriminações. Mas que posso fazer? É minha culpa se completei doze anos alguns meses antes do início da guerra? Sem dúvida, os transtornos que me trouxe esse período extraordinário foram de um tipo que jamais se experimenta nessa idade; mas como, apesar das aparências, nada é forte o bastante para nos envelhecer, ainda criança eu tomaria parte numa aventura em que mesmo um homem se veria em apuro. Não fui o único. E meus camaradas guardarão desse tempo uma lembrança que não é a mesma dos rapazes mais velhos. Que aqueles já indispostos comigo considerem o que foi a guerra para tantos meninos: quatro anos de férias.

Nós morávamos em F..., às margens do Marne.

Meus pais condenavam a camaradagem mista. A sensualidade, que nasce conosco e se manifesta ainda cega, ganhou com isso, em vez de perder.

Nunca fui um sonhador. O que parece sonho para outros, mais crédulos, a mim me parece tão real quanto o queijo para o gato, apesar da redoma de vidro. No entanto, a redoma existe.

Ela se quebrando, o gato aproveita, ainda que sejam seus donos que a quebram e cortam as mãos.

Até os doze anos, não me recordo de nenhum namorico, exceto uma garotinha chamada Carmen, a quem remeti, por um garoto menor do que eu, uma carta em que lhe expressava meu amor. Valia-me desse amor para solicitar um encontro. Minha carta lhe fora entregue pela manhã, antes que ela saísse para a aula. Eu distinguira a única pequena que se assemelhava a mim: vestia-se com asseio e ia à escola acompanhada de uma irmãzinha, como eu de meu irmãozinho. Para que essas duas testemunhas se calassem, eu pensava em casá-las de algum modo. Então juntei à minha carta uma outra, da parte de meu irmão, que não sabia escrever, para a srta. Fauvette. Expliquei a meu irmão o que havia feito e nossa sorte em deparar com duas irmãs de nossas idades e batizadas com nomes tão excepcionais. Depois de almoçar com meus pais, que me tratavam com mimos, jamais com censuras, retornei à escola, e tive a tristeza de ver que não me enganara quanto à boa linhagem de Carmen.

Meus colegas mal haviam se sentado — eu no fundo da sala de aula, agachado para pegar num armário, em minha condição de primeiro aluno, os volumes para a leitura em voz alta —, quando o diretor entrou. Os alunos se levantaram. Ele segurava uma carta. Minhas pernas dobraram, os volumes caíram, eu os recolhi, enquanto o diretor e o professor conversavam. Os alunos dos primeiros bancos viravam-se para mim, ruborizado no fundo da sala, pois ouviam sussurrarem meu nome. Enfim o diretor me chamou e, para me punir de modo sutil, sem despertar ao mesmo tempo, assim pensava, maus pensamentos nos alunos, felicitou-me por haver escrito uma carta de doze linhas sem um único erro. Perguntou-me se a escrevera mesmo sozinho, e depois me pediu que o acompanhasse até seu escritório. Não fomos tão longe. Ele me repreendeu no pátio, sob a chuva. O que muito perturbou minhas noções de moral foi que ele considerava tão grave ter comprometido a pequena (cujos pais lhe haviam comunicado minha decla-

ração) quanto haver furtado uma folha de papel de carta. Ameaçou enviar aquela folha à minha casa. Supliquei-lhe que não o fizesse. Ele cedeu, mas disse que conservaria a carta, e que à primeira reincidência não poderia mais esconder minha má conduta.

Essa mistura de audácia e timidez confundia e enganava meus pais, assim como na escola a minha facilidade — indolência, na verdade — fazia com que me tomassem por bom aluno.

Voltei à sala de aula. O professor, irônico, chamou-me de Don Juan. Fiquei extremamente lisonjeado, sobretudo por ele ter citado o nome de uma obra que me era familiar, mas que meus colegas desconheciam. Seu “Bom dia, Don Juan” e meu sorriso entendido colocaram a classe a meu favor. Talvez já soubessem que eu havia dado a um menino menos adiantado uma carta para entregar a uma “zinha”, como dizem os escolares em sua dura linhagem. Essa criança se chamava Messenger; não o escolhi por causa de seu nome, mas, de qualquer modo, o nome inspirava confiança.

À uma hora, havia suplicado ao diretor que nada dissesse a meu pai; às quatro, ansiava por contar-lhe tudo. Nada me obrigava a isso. O desejo de franqueza justificava a mim mesmo a confissão. Na verdade, sabendo que meu pai não se aborreceria, estava louco para que ele tomasse conhecimento de minha proeza.

Confessei então, acrescentando com orgulho que o diretor me prometera sigilo absoluto (como a um adulto). Meu pai desejava saber se eu não havia forjado em todas as peças aquele romance. Foi ao diretor. No decorrer da visita, falou incidentalmente do que acreditava ser uma farsa.

— O quê? — disse o diretor, surpreso e aborrecido. — Ele contou ao senhor? Ele me suplicou que me calasse, dizendo que o senhor o mataria.

Essa mentira do diretor desculpou-o a meus olhos; contribuiu ainda mais para minha embriaguez de homem.

Ganhei no ato a estima dos colegas e o piscar de olhos do professor. O diretor escondia seu rancor. O coitado ignorava o que eu já sabia: meu pai, chocado com sua conduta, decidira apenas deixar terminar o ano letivo para me tirar da escola. Estávamos então no começo de junho.¹ Minha mãe, não querendo que isso influísse na concessão dos prêmios, deixou para comunicá-lo depois da distribuição. Chegado o dia, graças a uma injustiça do diretor, que temia confusamente as consequências de sua mentira, fui o único a receber a medalha de ouro, que deveria ter ido para o ganhador do prêmio de excelência. Mal pensado: a escola perdeu seus dois melhores alunos, pois o pai do prêmio de excelência retirou o filho.

Alunos como nós serviam de chamariz para outros.

Minha mãe me julgava jovem demais para frequentar o liceu Henri IV. Em seu espírito isso significava: para tomar o trem. Ficaria em casa por dois anos e estudaria só.

Eu me prometia prazeres infundáveis, pois, conseguindo fazer em quatro horas o que meus antigos colegas mal faziam em dois dias, estava livre mais da metade do dia. Passeava sozinho ao longo do Marne, que era tão nosso rio que minhas irmãs se referiam ao Sena como “um Marne”. Ia até mesmo para o barco de meu pai, apesar de sua proibição; mas não remava, não admitindo que meu medo não era desobedecê-lo, mas puro e simples medo. Deitado no barco, eu lia. Em 1913 e 1914, duzentos livros por ali passaram. Não o que as pessoas chamam de livros ruins, mas sim os melhores, senão pelo espírito, ao menos pelo mérito. Por isso, mais tarde, na idade em que a adolescência despreza os livros para crianças, tomei gosto por seu charme infantil, enquanto naquela época não os teria lido por nada no mundo.

A desvantagem de alternar desse modo lazer e estudo era transformar o ano inteiro em falsas férias. Assim, meu

estudo cotidiano era pouca coisa, mas como, estudando menos tempo que os outros, estudava mais durante suas férias, essa pouca coisa era como a rolha de cortiça que um gato traz presa à cauda toda a vida, quando eu teria preferido sem dúvida um mês de caçarola.²

As férias verdadeiras se aproximavam e eu mal pensava nelas, porque meu regime seria o mesmo. O gato sempre a observar o queijo sob a redoma. E veio a guerra. Ela quebrou a redoma. Os donos tinham outros gatos a perseguir, e o gato exultou.

Na verdade, todos exultavam na França. As crianças, tendo sob o braço os livros recebidos como prêmio, comprimiam-se diante dos cartazes. Os maus alunos aproveitavam-se da desordem na família.

Todo dia, após o jantar, íamos à estação de J..., a dois quilômetros de casa, para ver passarem os trens militares. Colhíamos campânulas e as lançávamos aos soldados. Senhoras de avental despejavam vinho tinto nos cantis e derramavam litros na plataforma coberta de flores. Tudo isso me deixa uma lembrança de fogo de artifício. Nunca houve tanto vinho desperdiçado, tantas flores mortas. Tivemos que embandeirar as janelas de nossa casa.

Logo deixamos de ir a J... Meus irmãos e irmãs começavam a desgostar da guerra; achavam-na comprida. Privava-os das férias à beira-mar. Habitados a levantar tarde, tinham que comprar os jornais às seis horas. Pobre distração! Mas lá por 20 de agosto os monstros recobriram as esperanças. Em vez de deixar a mesa onde os adultos se demoravam, eles permaneciam para ouvir meu pai falar em partir. Não haveria mais meios de transporte. Seria preciso viajar muito longe de bicicleta. Meus irmãos pirraçaram a menorzinha. As rodas de sua bicicleta não tinham quarenta centímetros de diâmetro: “Vamos deixar você sozinha na estrada”. Ela chorou. Mas que

animação ao polir as bicicletas! Acabava-se a preguiça. Ofereciam-se para consertar a minha. Levantavam-se com o sol para saber das novidades. Enquanto todos se espantavam, descobri enfim o móvel desse patriotismo: uma viagem de bicicleta até o mar! E um mar mais bonito e distante que o habitual. Eles teriam incendiado Paris para partir mais depressa. O que aterrorizava a Europa tornara-se sua única esperança.

O egoísmo das crianças é assim tão diferente do nosso? No verão, no campo, amaldiçoamos a chuva que cai, enquanto os agricultores anseiam por ela.

É raro que um cataclismo se produza sem fenômenos premonitórios. O atentado de Sarajevo e a tempestade do processo Caillaux³ concorreram para uma atmosfera irrespirável, favorável a excessos. Daí minha verdadeira lembrança de a guerra ser anterior à guerra.

Eis como foi:

Nós, meus irmãos e eu, zombávamos de um nosso vizinho, sujeitinho grotesco, um anão com barbicha branca e capuz, conselheiro municipal, de nome Maréchaud. Todos o chamavam de Velho Maréchaud. Se bem que vizinhos imediatos, nós não o saudávamos, o que o enfurecia de tal modo que um dia, não mais se contendo, abordou-nos na rua e disse: “E então? Não se cumprimenta um conselheiro municipal?”. Saímos em correria. A partir dessa impertinência, as hostilidades tornaram-se abertas. Mas que podia contra nós um conselheiro municipal? Indo ou voltando da escola meus irmãos tocavam sua sineta, com tamanha audácia que o cachorro, que devia ter minha idade, nada conseguia fazer.

Na véspera do 14 de julho de 1914, indo ao encontro de meus irmãos, tive a surpresa de ver um ajuntamento diante do portão dos Maréchaud. Algumas tílias podadas escondiam parcialmente a casa no fundo do jardim. A jovem criada enlouquecera, e desde as duas da tarde se refugiava sobre o telhado, recusando-se a descer.

Os Maréchaud, amedrontados com o escândalo, já haviam cerrado as persianas, de maneira que a aparência abandonada da casa contribuía para aumentar o trágico daquela louca sobre o telhado. As pessoas gritavam, indignadas com o fato de que os patrões nada fizessem para salvar a infeliz. Ela vacilava sobre as telhas, sem no entanto parecer bêbada. Eu queria poder ficar lá para sempre, mas nossa empregada, enviada por minha mãe, veio nos chamar aos deveres. Se não obedecesse, não poderia ir à festa. Saí numa tristeza profunda, rogando a Deus que a criada ainda estivesse no telhado quando eu fosse receber meu pai na estação.

Ela estava em seu posto, mas os raros passantes voltavam de Paris, apressados para jantar e não perder o baile. Dispensavam-lhe apenas um minuto distraído.

Para a criada, até então, tratava-se apenas de um ensaio mais ou menos público. Ela devia estrear à noite, conforme o costume, com os globos luminosos formando uma verdadeira ribalta. Havia tanto os da rua como os do jardim, já que os Maréchaud, não obstante sua ausência fingida, não haviam ousado dispensar a iluminação, como cidadãos notáveis que eram. O aspecto fantástico daquela casa do crime, sobre cujo teto passeava, como num convés de navio embandeirado, uma mulher com os cabelos esvoaçantes, era bem acentuado pela voz dessa mulher: inumana, gutural, de uma doçura de causar arrepios.

Os bombeiros de uma comunidade pequena são “voluntários”; ocupam-se diariamente de outras coisas que não bombas de água. São o leiteiro, o padeiro, o serralheiro, que, findo o trabalho, virão apagar o incêndio, se ele não se apagou por si mesmo. Com a mobilização, nossos bombeiros formaram também uma espécie de milícia misteriosa, que fazia patrulhas, manobras e rondas noturnas. Esses bravos chegaram, por fim, e abriram caminho na multidão.

Uma mulher adiantou-se. Era a esposa de um conselheiro municipal rival de Maréchaud, e havia alguns minutos

se apiedava ruidosamente da louca. Fez recomendações ao capitão: “Procure conquistar a pobrezinha pela doçura; ela sente falta disso, nessa casa onde é tão judiada. E se o que a faz agir assim é o medo de ser despedida e não ter para onde ir, diga que eu fico com ela. E dobro o salário!”.

Essa caridade estridente produziu pouco efeito na turba. Essa dama a aborrecia. Só se pensava na captura. Os bombeiros, em número de seis, escalaram a grade e sitiaram a casa, subindo por todos os lados. Mas assim que um deles aparecia sobre o telhado, a multidão punha-se a vociferar prevenindo a vítima, como crianças num espetáculo de marionetes.

— Calem a boca! — gritava a senhora, o que só fazia estimular os “Ali tem um! Ali tem um!” do público. Com os gritos, a louca, armando-se de telhas, arremessou uma no capacete do primeiro bombeiro a alcançar o topo. Os outros cinco desceram imediatamente.

Enquanto os estandes de tiro, os carrosséis e as barracas da praça municipal lamentavam-se da pouca freguesia, numa noite em que a receita devia ser gorda, os baderneiros mais ousados escalavam os muros e juntavam-se sobre a relva para acompanhar a caçada. Esqueci o que a louca dizia, mas em sua voz havia essa profunda e resignada melancolia que vem da certeza de que temos razão, quando todos os outros estão errados. Os baderneiros, que preferiam o espetáculo à feira, procuravam, no entanto, conciliar os prazeres. Temendo que a louca fosse capturada em sua ausência, corriam a dar uma volta rápida no carrossel. Outros mais sabidos, instalados nos galhos das tílias, como que para observar a parada de Vincennes, contentavam-se em acender bombas e fogos de bengala.

Pode-se imaginar a angústia do casal Maréchaud, encerrado em casa em meio a todos esses ruídos e clarões.

O conselheiro municipal casado com a dama caridosa, trepado no pequeno muro gradeado, improvisava um discurso sobre a covardia dos proprietários. Foi aplaudido.

Pensando ser a ela que aplaudiam, a louca fez uma saudação, com um monte de telhas sob cada braço, pois ela remetia uma a cada vez que divisava um capacete. Com sua voz inumana, agradecia terem-na enfim compreendido. Fez-me pensar numa pirata, sozinha no barco que afunda.

A multidão se dispersava, um tanto cansada. Quis ficar com meu pai, enquanto minha mãe, para satisfazer essa necessidade de movimento que têm as crianças, conduzia meus irmãos do carrossel à montanha-russa. Por certo, eu sentia essa estranha precisão mais vivamente que meus irmãos. Adorava que meu coração batesse rápido, irregular. Mas aquele espetáculo, de uma poesia profunda, me satisfazia mais. “Como você está pálido”, havia dito minha mãe. Achei o pretexto nos fogos de bengala. Eles me davam uma coloração esverdeada, disse eu.

— Mesmo assim, receio que isso o impressione muito — disse ela a meu pai.

— Ora — respondeu ele —, ninguém é mais insensível. Ele pode ver qualquer coisa, menos um coelho sendo esfolado.

Meu pai dizia isso para que eu ficasse. Mas ele sabia que o espetáculo me transtornava. Eu sentia que o perturbava também. Pedi-lhe que me colocasse nos ombros para ver melhor. Na verdade, estava a ponto de desmaiar, minhas pernas já não me sustentavam.

Agora havia apenas umas vinte pessoas. Ouvimos os clarins anunciando a retirada com archotes.

Cem tochas iluminaram de súbito a louca, como, depois da luz suave da ribalta, o magnésio explode, fotografando uma nova estrela. Então, agitando as mãos em sinal de adeus, e crendo ser o fim do mundo, ou simplesmente que iam prendê-la, ela se jogou do telhado, quebrou a marquise na queda com um barulho terrível, e se espatifou nos degraus de pedra. Até então eu procurava suportar tudo, embora meus ouvidos tinissem e o

coração me falhasse. Mas quando ouvi gritarem: “Está viva ainda!”, caí dos ombros do meu pai, sem sentidos.

De volta a mim, ele me levou para a margem do Marne. Lá permanecemos até tarde, em silêncio, estendidos na grama.

Na volta, acreditei ver por trás da cerca uma silhueta branca, o fantasma da criada! Era o velho Maréchaud em gorro de dormir, contemplando os estragos, sua marquise, suas telhas, sua relva, sua sebe, seus degraus cobertos de sangue, seu prestígio arruinado.

Se insisto em tal episódio, é porque ele faz compreender melhor que qualquer outro o estranho período da guerra, e como, mais que o pitoresco, impressionava-me a poesia das coisas.